



Terra podre

• Refiro-me à reportagem tendenciosa sobre a Usina Nuclear, "Jornal Nacional", em 16/04, na qual o sr. Arnaldo Jabor incidiu em erro ao ler "terra podre" como sendo o significado indígena de Itaorna. Sabemos que tudo, ou qualquer coisa, pode ser tema de debate. Debate sugere palavras. E palavras o tempo consome. Hoje, com todos os questionamentos, desdobramentos ou debates acalorados, dos quais surgiram facções favoráveis e antagônicas ao Programa Nuclear, o tema da escolha do primeiro sítio (Itaorna) das usinas brasileiras está esgotado. Somente os desinformados, os que se gulam pelos cegos, os tendenciosos ou os adeptos do protesto sem causa, é que teimam em fazer chover no molhado. A Praia de Itaorna, insinuaram, significaria em tupi-guarani, "terra podre". Isto é impecioso. Foram realizadas inúmeras consultas a especialistas da língua guarani, inclusive no Paraguai, concluindo-se os seguintes pontos: "orna" não é palavra tupi, muito menos guarani ou nheengatu; a palavra "itaorna" é, provavelmente, uma corruptela das palavras "itaogaa" ou "itabaoba" que significam, respectivamente, "casa de pedra" e "courageira de pedra"; o vocabulário guarani para o significado "pedra podre", é itarunguê, de acordo com o cacique R'Ocadju, da tribo Guarani-Nhandeva, de Bracuí, que vai além e diz que o vocábulo itaorna "é conversa de cara pálida. Não existe em guarani". No "diz que diz" que a usina está com suas fundações em rocha friável, isto é, em pedra que se esfacela, a verdade é: o tipo de rocha encontrada na região da Itaorna dá um enorme trabalho para ser fragmentada.

EDWARD RUBENS CARNEIRO
(30/4), Angra dos Reis, RJ